

92

O OCIDENTE  
EM FACE  
DA  
RUSSIA

S  
N  
I

169













O PENSAMENTO DE SALAZAR

O  
OCIDENTE  
EM FACE DA  
RUSSIA

*DISCURSO DE SUA EXCELENCIA O SENHOR  
PRESIDENTE DO CONSELHO AOS REPRESENTANTES DAS FORÇAS ARMADAS, AGRADECENDO OS CUMPRIMENTOS APRESENTADOS POR MOTIVO DA PASSAGEM DO 20.º ANIVERSÁRIO DA SUA ENTRADA PARA O GOVERNO, PROFERIDO NA PRESIDÊNCIA DO CONSELHO AOS 28 DE ABRIL DE 1948*

EDIÇÃO DO SECRETARIADO  
NACIONAL DA INFORMAÇÃO





O  
OCIDENTE  
EM FACE DA  
RUSSIA





O PENSAMENTO DE SALAZAR

---

# O OCIDENTE EM FACE DA RÚSSIA

*DISCURSO DE SUA EXCELENCIA O SENHOR  
PRESIDENTE DO CONSELHO AOS REPRESENTANTES DAS FORÇAS ARMADAS, AGRADECENDO OS CUMPRIMENTOS APRESENTADOS POR MOTIVO DA PASSAGEM DO 20.º ANIVERSÁRIO DA SUA ENTRADA PARA O GOVERNO, PROFERIDO NA PRESIDÊNCIA DO CONSELHO AOS 28 DE ABRIL DE 1948*

EDIÇÕES  
**S N I**  
LISBOA



---

mil novecentos e quarenta e oito

5.000  
F. 912  
E. 15

INCORPORAÇÃO

327



Rua do Salitre, 151-155  
Telef. 53173

L I S B O A



SENHORES MAJORES-GERAIS DO EXÉRCITO E DA ARMADA:  
SENHORES OFICIAIS:

Eu agradeço profundamente reconhecido a vossa tão sincera e espontânea manifestação e as palavras de carinho que me foram dirigidas. Por mais affectuosos e essencialmente pessoais que haja de considerar os vossos cumprimentos, não posso desprendê-los inteiramente dos vinte anos que levo seguidos na gestão da coisa pública e ontem se concluíram. Deve-se esta longa e, a meu ver, exagerada permanência a três factos: em primeiro lugar à confiança do Chefe do Estado que todos nós nos orgulhamos de considerar o lídimo representante e fiador supremo de um pensamento de renovação nacional; e já hoje teve a suprema gentileza de dizer-me contássemos estaria aqui em espírito junto dos seus camaradas; depois à amabilidade dos Chefes do Governo que me precederam nos primeiros anos e devo lembrar aqui com uma palavra de affectuosa recordação; por fim à dedicação e competência dos meus colaboradores, ao claro favor da Nação, ao apoio das suas forças mais representativas e entre todas — porque não abrir claramente esta excepção? — à vossa simpatia e carinho. É

meu dever agradecer a todos efusivamente neste momento, e formular os mais expressivos e sinceros votos pela prosperidade das forças armadas portuguesas.

Por estes votos me ficaria se, ao formulá-los, não me assaltasse o receio de não ser inteiramente sincero. Pelo menos traduzirei mais fielmente a complexidade dos meus sentimentos, se acrescentar que também faço votos por que a força armada esteja a todo o momento pronta e cada vez mais firme ao serviço da Nação, e ao serviço da ordem e da nossa civilização cristã. Mas isto obriga-me a acrescentar algumas considerações; porque nada trazem de novo ao debate que se trava no mundo, serão muito breves.



Acabada a guerra, uma grande e poderosa nação continuou a aumentar e a consolidar a sua força e afirmou com a presença ou a ameaça desta força um pensamento que podia até certo momento ser considerado de prevenção e reforço da sua segurança mas, para além dele, só pode conceber-se como tendência imperialista e de clara hegemonia. Refiro-me à Rússia. Embora a provocação à Finlândia e a declaração de guerra à Bulgária, entre outros actos, tivessem denotado, à margem da agressão alemã, o propósito de ir resolvendo certos problemas através do estado de guerra e num ambiente de vitória, por mais injusta ou artificiosa que



fosse, as outras potências aliadas surpreenderam-se com o desenrolar dos acontecimentos. As últimas parece que descansaram na vitória, como se vitória significasse paz. A primeira continuou a desenvolver a sua força e a utilizar as suas posições, como se a guerra houvesse ainda de prosseguir. Deste desequilíbrio material e deste desencontro de conceitos nasce a grande preocupação em que vive hoje o Ocidente. Não há para o caso outra explicação senão a seguinte: as potências ocidentais consideraram com o esmagamento da Alemanha atingido o seu fim de guerra; a Rússia não, pois que, além do reforço da sua defesa e do aumento do seu poderio, alimenta, para a hipótese de ser possível realizá-lo, o sonho da revolução mundial de que é o máximo expoente e o mais sólido apoio. Esta a situação.

As atitudes que de um modo geral o mundo mas muito especialmente o Ocidente podem prever no futuro próximo em relação à Rússia são: a guerra, o isolamento, a colaboração pacífica na sociedade internacional. Enumerei-as pela ordem decrescente da sua gravidade para concluir na única desejável.

Não pode oferecer dúvidas a ninguém que a colaboração russa no plano mundial seria grandemente vantajosa. Seja qual for a divergência de princípios fundamentais que dela nos separem e o juízo que façamos dos seus processos políticos, a Rússia possui imensas riquezas naturais, o valor do trabalho de numerosa população, a sua técnica, a sua ciência, a sua arte. O mundo só

poderia ganhar com a colaboração que ela pudesse dar à solução de problemas gerais: com uma condição evidente — que Moscovo deixasse de representar o papel de inimigo de toda a ordem constituída e de fomentador de revoluções.

O isolamento privaria o mundo das vantagens que a colaboração russa podia dar-lhe sem o libertar completamente dos males da sua presença invisível. Acontece que a Rússia é, pela extensão e continuidade territorial, pelo peso da massa demográfica, pela variedade das suas riquezas, pela pequena densidade e modesto nível de vida da população, talvez o único país que pode fechar-se sobre si mesmo e prescindir quase completamente de intercâmbio com outras nações. Esta orientação, embora se possa exemplificar com outros passos da história russa, não se me afigura porém que venha a ser preferida pelos actuais dirigentes da sua política. A grande, porventura insolúvel, dificuldade estaria em conciliarem um isolamento que fosse instrumento de defesa e impermeabilidade às ideias e instituições do Ocidente com uma acção de presença internacional, suficientemente vincada, para defender interesses ou atingir o objectivo de livre acesso aos grandes mares que a Rússia tem desde há séculos pretendido. Parece em todo o caso difícil que essa política de isolamento, a ser adoptada, como alternativa forçosa, não se estenda também, embora com certas atenuações, aos países que aderirem ao seu sistema.



A pior hipótese seria evidentemente a guerra. A facilidade com que a vemos apresentar e a criação de um estado emocional a ela conducente que pode tirar das mãos dos responsáveis a direcção dos acontecimentos, a mim pessoalmente fazem-me estarrecer. Os conflitos entre pequenas nações vizinhas são hoje como vulgares incidentes de rua em bairros afastados. Uma conflagração das grandes potências com posição no caso de que tratamos é o mundo em guerra (não se sabe com que pequenas «ilhas» mais ou menos indemnes), e importaria a mobilização integral dos seus recursos. Nem falo no incomensurável de sofrimentos humanos provocados por esse conflito e que ele mesmo representa. Refiro-me às condições económicas e sociais resultantes do desvio em tão larga escala das fontes da produção para fins de guerra e das destruições que se levariam a cabo. Como a Europa, se houvesse de ser teatro e vítima dessa guerra, não poderia alimentar a população sobrevivente, seria de prever uma catástrofe demográfica sem paralelo na história. Em tais circunstâncias tudo o que o homem ocidental, à força de trabalho e engenho, pode ter criado para conforto, alegria, elevação espiritual da vida — a cultura, a arte, a mesma sociabilidade — seria impossível coexistir com a miséria geral e a subversão das instituições políticas e sociais. Penso que o Ocidente europeu mergulharia então na decadência, na sua longa, trágica e porventura definitiva noite.

Não importa deitar contas às probabilidades de

vencer, pois julgo as consequências dessa catástrofe quase independentes do sinal da vitória. Direi apenas que a guerra me parece ser para a Rússia menos trágica que para o Ocidente cuja densidade populacional, desenvolvimento de centros urbanos, nível de cultura e de vida o torna mais sensível ou vulnerável.

Do exposto tiro duas ilações: primeira, o Ocidente não se lançará por deliberado intento em guerra contra a Rússia; segunda, o Ocidente tem de empregar os máximos esforços para evitar que a Rússia se lance em guerra contra ele.

Infelizmente a imaginação dos homens é bastante limitada neste ponto e a experiência de milénios de história humana só tem ensinado um caminho, aliás falível, que é a preparação da resistência. Na verdade uma força que se expande não pára nem se limita senão em face de outra que se lhe oponha. (Emprego a expressão «força» no mais lato sentido que possa dar-se-lhe, desde os meios de guerra até à organização económica e mesmo até à influência de uma ideologia ou de uma fé).

A Europa do Ocidente, emendadas na medida ainda possível as piores consequências de erros anteriores no que se refere à Alemanha e à Itália e apoiada na ajuda efectiva da América, disporá de elementos materiais e morais suficientes para a resistência? Já respondi noutra momento afirmativamente a esta pergunta e não voltarei a ela. O aspecto que me interessa agora é saber em que bases e sob que orientação se pode organizar a



resistência ou, por outras palavras, saber se a reconstrução económica e a adopção de uma linha geral quanto ao problema em causa exigem a constituição prévia de um super-Estado ou de uma soberania do tipo federal, por exemplo.

A organização do mundo interessado em manter as bases da civilização ocidental não pode fazer-se integralmente, como é visível, no plano supranacional mas apenas no do entendimento e concerto de soberanias nacionais. E a parte europeia desse conjunto menos possibilidades que as restantes terá ainda de ignorar as realidades existentes, embaraçando-se em criações políticas que, podendo crer-se no campo teórico mais coesas, depressa revelariam a fragilidade ou artifício da construção. A ideia de uma Europa federal parece-me fora das possibilidades de realização por muitas razões; mas para já o que interessa salientar é que se começaria por tirar aos Estados europeus uma das principais razões por que através dos tempos tanto se têm sacrificado em guerras — a garantia de os diferentes povos disporem de si mesmos.

Julgo haver equívoco em pensar que a fase de febril internacionalismo que vivemos é essencialmente contrária à existência de nações soberanas. A lição das duas últimas guerras não é no sentido da extinção dos nacionalismos mas da sua exacerbação, com a nota de pretenderem agora dispor de uma garantia internacional. É certo que, como toda a vida de relação, a vida

internacional comporta limitações, evidentemente no mesmo plano em que essa vida se organiza. Fora disso parece-me só se ter logrado confusão e descrédito com a tendência para limitar através de organismos internacionais a independência ou liberdade interna dos Estados no que à vida internacional não interessa.

Se pois a resistência do Ocidente tem de aproveitar prudentemente e à luz de um realismo construtivo a base nacional, ou seja a existência de nações independentes, é preciso ser coerente com este princípio e evitar erros prejudiciais ao mesmo fim que se pretende. Por nós somos apenas lógicos afirmando que não servem a defesa do Ocidente as intervenções, directas ou indirectas, nos negócios internos de cada Estado.

Somos apenas lógicos defendendo a reabilitação da Itália e votando pela admissão da Alemanha na obra da reconstituição europeia, ao mesmo tempo que propomos se estude a maneira de conseguir a cooperação da Espanha naquela obra, tanto mais que a Espanha representa um grande valor económico e a Península é na defesa do Ocidente um todo que não pode por ninguém ser desconhecido. Somos apenas lógicos entendendo que só se prejudica o concerto dos povos europeus, com a pretensão de estabelecê-lo em bases pedidas de empréstimo a programas partidários, num sonho ingénuo de standardização política cujos malefícios não seriam diminuídos pela bondade das intenções.

Trabalhando em tais direcções, parece-me que afinal



se prejudicará gravemente a união do Ocidente na única base e para o fim que verdadeiramente importam — o reconhecimento da identidade de origem e a intransigente defesa de certos princípios básicos da civilização. Ora na compreensão que felizmente existe desta necessidade comum é possível encontrar suficiente ponto de apoio para os entendimentos precisos.

Este movimento será porém bastante para, evitando a guerra, reconduzir a Rússia à melhor política sob o aspecto dos seus próprios interesses e dos interesses mundiais? Devo dizer que não o considero assim.

O mundo está largamente minado por forças subversivas. Não importa avaliar do seu maior ou menor grau de afinidade com a doutrina comunista; tão-pouco a Rússia mede em todos os casos por essa afinidade a protecção que lhes dá. Sabe-se porém que utiliza todos os fermentos de indisciplina e rebelião contra as sociedades organizadas em bases diversas das suas e fora das suas fronteiras tudo faz por dividir e enfraquecer as nações. O apoio material, a preparação dos chefes sediciosos, o envenenamento doutrinal através dos mil meios da propaganda moderna tendem a criar em cada país, ao mesmo tempo que um factor de desagregação nacional, pontos de apoio à política externa dos sovietes. Quer dizer, essa suposta frente que o Ocidente tende a organizar é contrabatida, minada, posta em perigo na retaguarda por potencial inimigo.

Para o entendimento da questão pouco vale discutir até onde o comunismo pode legitimamente apresentar-se como produto de injustiças sociais a remediar. Aqui interessa-nos o que acima de tudo é hoje — um «problema político». A comparação das erupções comunistas nos períodos subsequentes às duas guerras demonstra que o comunismo fora da Rússia foi, no primeiro, facto esporádico, abafado pelas reacções de vitalidade nacional que apesar de tudo se revelaram ainda. Mas, depois da última conflagração, ele tem gozado, já não digo da tolerância, mas do direito de cidade. Assim em muitos países, até há pouco, mediante pequeno dispêndio, uma potência estrangeira podia dispor de uma força disciplinada e de uma arma cuja aplicação dirigia.

Todas estas situações, por mais anómalas e contrárias à razão e à honra nacional, as tem no entanto largamente defendido e justificado a perversão da inteligência contemporânea. Poucos momentos terá havido através dos séculos de maior perturbação mental do que a vivida no nosso tempo. Não em questões secundárias mas em tudo o que é essencial à compreensão da vida humana deixou de haver nos povos entendimento comum. Por doentio gosto do ineditismo, da novidade, da opposição e não pelo sentido e amor da verdade, muitas inteligências se empregam em colorir com as ostentações da ciência os pontos de partida e as conclusões do comunismo. Para todo o desvio da razão, para todo o erro, para todo o vício ou crime a inteligência formula hoje,



não uma desculpa, mas uma filosofia. Não o estranho: já não é a primeira vez na história do mundo que a «inteligência» trai o «espírito». Pelos mesmos motivos a política pode atraiçoar o interesse da Nação.

Ora só a redução à impotência destas forças ou organizações terá esclarecido bastante as posições de todos, para que a Rússia tome a sua decisão. Até esse momento o realismo e maleabilidade de que tem dado provas na condução da política mundial hão-de aconselhá-la a não o fazer.



A um auditório que não fosse este eu terminaria pedindo desculpa da crueza com que justifiquei os meus votos. Diante de homens formados na consciência do dever, de corpo e alma consagrados às missões mais nobres e aos mais elevados sacrifícios, até me parece que seria não confiar absolutamente no valor do seu ânimo empregar linguagem diferente. Não pode saber-se o que de nós exigirá o futuro; nem vale a pena consumirmo-nos a desvendar todas as suas incógnitas. Porque uma só coisa verdadeiramente importa: saber-se que em cada momento nos encontramos todos ao serviço da Nação e dos princípios que em oito séculos cimentaram a sua história.







EDIÇÕES

**S N I**

LISBOA



LA PENSÉE DE SALAZAR

# L'OCCIDENT

EN FACE DE LA

# RUSSIE

*DISCOURS PRONONCÉ LE 23 AVRIL 1918 PAR  
SON EXCELLENCE LE PRÉSIDENT DU CON-  
SEIL, DEVANT LES REPRÉSENTANTS DES  
FORCES ARMÉES DE TERRE, DE MER ET DE  
L'AIR, À L'OCCASION DU 20<sup>e</sup> ANNIVERSAIRE  
DE SON ENTRÉE AU GOUVERNEMENT*

EDITIONS S. N. I. • LISBONNE 1948











L'OCCIDENT  
EN FACE DE LA  
RUSSIE





LA PENSÉE DE SALAZAR

---

# L'OCCIDENT EN FACE DE LA RUSSIE

*DISCOURS PRONONCÉ LE 28 AVRIL 1948 PAR  
SON EXCELLENCE LE PRÉSIDENT DU CON-  
SEIL, DEVANT LES REPRÉSENTANTS DES  
FORCES ARMÉES DE TERRE, DE MER ET DE  
L'AIR, À L'OCCASION DU 20<sup>e</sup> ANNIVERSAIRE  
DE SON ENTRÉE AU GOUVERNEMENT*

EDITIONS  
**S N I**  
LISBONNE

---

mil neuf cent quarante-huit

LA REVUE DE SAGAYAR

L'OCIDENT  
EN FACE DE LA RUSSIE

REVUE DE SAGAYAR  
L'OCIDENT  
EN FACE DE LA RUSSIE  
REVUE DE SAGAYAR  
L'OCIDENT  
EN FACE DE LA RUSSIE

REVUE DE SAGAYAR  
L'OCIDENT  
EN FACE DE LA RUSSIE



Rua do Salitre, 151-155  
Telef. 53173

L I S B O A



MESSIEURS LES COMMANDANTS EN CHEF DE L'ARMÉE ET DE  
LA MARINE,  
MESSIEURS LES OFFICIERS,

C'est avec une profonde reconnaissance que je vous remercie pour cette manifestation si sincère et si spontanée et pour les paroles affectueuses qui m'ont été adressées. Mais si affectueuses qu'elles soient, et bien que je doive leur attribuer avant tout un caractère essentiellement personnel, je ne puis les séparer entièrement des vingt années successives que j'ai consacrées à la gestion de la chose publique. Cette longue participation — à mon avis d'une longueur exagérée — au Gouvernement du Pays, nous la devons à trois faits: en premier lieu, à la confiance du Chef de l'Etat, que nous considérons tous avec orgueil comme le représentant légitime et le suprême garant de l'idée de rénovation nationale; et aujourd'hui encore, il a eu la suprême gentillesse de me dire qu'il serait ici, en esprit, auprès de ses camarades; en second lieu, à l'amabilité des Chefs de Gouvernement qui m'ont précédé à la Présidence du Conseil, pendant les premières années de la Révolution Nationale, et auxquels je dois adresser

aujourd'hui une parole d'affectueux souvenir; enfin, à la compétence et au dévouement de mes collaborateurs, ainsi qu'à la faveur expresse de la Nation, à l'appui de toutes les forces représentatives du Pays, et en particulier — pourquoi ne ferais-je pas clairement cette distinction? — à votre sympathie et à votre affection. Il est de mon devoir de vous adresser à tous aujourd'hui, du fond du cœur, mes remerciements, et je forme les vœux les plus sincères pour la prospérité des forces armées portugaises.

Je m'en tiendrais à ces vœux si, au moment de les exprimer, je n'étais saisi de la crainte de ne pas être totalement sincère. Ou tout au moins je traduirai plus fidèlement la complexité de mes sentiments si j'ajoute que je forme également des vœux pour que la force armée soit à tout moment préparée, et de plus en plus solidement, pour le service de la Nation, et pour le service de l'ordre et de notre civilisation chrétienne. Mais ceci m'oblige à ajouter quelques considérations qui, n'apportant rien de nouveau au débat qui se livre actuellement dans le monde, seront naturellement très brèves.



La guerre finie, une grande et puissante Nation a continué à augmenter et à consolider sa force, et à affirmer par sa présence ou par la menace de cette force une intention que l'on pouvait, jusqu'à un certain mo-



ment, considérer comme une mesure de précaution, destinée à renforcer la sécurité de ce pays, mais que nous ne pouvons concevoir, au-delà de cette limite, que comme une tendance impérialiste et une volonté évidente d'hégémonie. Je veux parler de la Russie. Bien que la provocation faite à la Finlande et la déclaration de guerre à la Bulgarie, entre autres actes, aient révélé, en marge de l'agression allemande, l'intention de résoudre certains problèmes à la faveur de l'état de guerre et dans une atmosphère de victoire, si injuste et si factice qu'elle fût, les autres nations alliées ont cependant été surprises par l'évolution des événements. Il semble que celles-ci se soient reposées dans la victoire, comme si la victoire signifiait la paix. La Russie a continué à développer sa force et à consolider ses positions, comme si la guerre devait continuer.

C'est de cette rupture dans l'équilibre matériel et de cette divergence dans les conceptions que naît la grande préoccupation dans laquelle se débat aujourd'hui l'Occident. Le fait n'a d'autre explication que la suivante: les puissances occidentales ont considéré qu'elles avaient atteint, avec l'écrasement de l'Allemagne, leur objectif de guerre; la Russie, non. En effet, outre qu'elle renforce sa défense et raffermi son pouvoir, elle alimente, dans l'hypothèse qu'il sera possible de le réaliser, le rêve de la révolution mondiale, dont elle est l'exposant maximum et l'appui le plus solide. Telle est la situation.

Le Monde, d'une façon générale, mais plus particulièrement l'Occident, peuvent prévoir que la Russie adoptera, dans un avenir prochain, l'une des attitudes suivantes: la guerre, l'isolement, la collaboration pacifique au sein de la société internationale. J'ai énuméré ces attitudes possibles par ordre décroissant, quant à leur gravité, pour terminer par l'unique souhaitable.

Personne ne peut douter de ce que la collaboration de la Russie sur le plan mondial apporterait à tous de grands avantages. Quelles que soient les divergences fondamentales de principes qui nous en séparent et le jugement que nous portons sur ses méthodes politiques, il n'en est pas moins vrai que la Russie possède d'immenses richesses naturelles, la valeur du travail de son immense population, sa technique, sa science et son art. Le monde ne retirerait que des bénéfices de la collaboration qu'elle pourrait apporter à la solution des problèmes généraux, à une condition évidente: c'est que Moscou cessât de jouer le rôle d'ennemi de tout ordre établi et de fomentateur de révolutions.

L'attitude d'isolement priverait le monde des avantages que la collaboration russe pourrait lui apporter, sans le libérer totalement des maux qui adviendraient de cette présence invisible. En effet la Russie, par l'étendue et la continuité de son territoire, par le poids de sa masse démographique, par la variété de ses richesses, par la faible densité et le modeste niveau d'existence de sa population, est peut-être l'unique pays qui puisse se



replier sur lui-même et se passer presque complètement des échanges avec les autres nations. Bien que l'on y puisse trouver des précédents dans d'autres moments de l'histoire de la Russie, il ne me semble pas que les dirigeants actuels de sa politique en viennent à adopter cette orientation. La grande difficulté, et sans doute insoluble, consisterait à concilier un isolement, — instrument de défense, destiné à rendre le pays imperméable aux idées et aux institutions de l'Occident — avec une politique de présence internationale suffisamment marquée et pratiquée en vue de défendre des intérêts ou d'obtenir le libre accès aux grandes voies maritimes, objectif que la Russie poursuit depuis des siècles. En tous cas il paraît difficile que cette politique d'isolement, si elle était adoptée, comme une solution obligatoire, ne s'étende pas également, bien qu'avec quelques atténuations, aux pays qui adhéreraient à son système.

La pire des hypothèses serait évidemment la guerre. Personnellement je suis terrifié de la facilité avec laquelle je la vois suggérer et de la création de cet état d'émotivité qui peut nous y conduire et arracher des mains des responsables la direction des événements. Les conflits entre les petites nations voisines sont aujourd'hui comme de vulgaires incidents de ruelle dans des quartiers excentriques. Une conflagration des grandes puissances, dans le cas qui nous intéresse, ce serait le monde entier lancé dans la guerre (avec çà et là, peut-être, quelques «îlots» qui seraient épargnés), ce qui im-

pliquerait la mobilisation intégrale de ses ressources. Je ne parle pas des souffrances incommensurables qu'entraînerait ce conflit, et qu'il représente en lui-même: je pense ici aux conditions économiques et sociales qui adviendraient du fait que les sources de la production se trouveraient ainsi déviées, sur une vaste échelle, vers des objectifs de guerre, ainsi qu'aux destructions qui seraient pratiquées. Comme l'Europe, si elle devait être le théâtre et la victime de cette guerre, ne pourrait alimenter la population survivante, on pourrait prévoir une catastrophe démographique sans précédent dans l'histoire. Dans ces circonstances, tout ce que l'homme occidental a pu créer au prix de son travail et de son génie, pour le confort, la joie, l'élévation spirituelle de son existence — la culture, l'art, la sociabilité elle-même — ne pourrait coexister avec la misère générale et la subversion des institutions politiques et sociales. Je pense que l'Occident européen serait alors plongé dans la décadence, dans une nuit longue et tragique, et peut-être définitive.

Peu importe de supputer les chances des adversaires, car je crois que les conséquences de cette catastrophe seraient indépendantes du signal de la victoire. Je dirai seulement que la guerre me paraît être moins tragique pour la Russie que pour l'Occident, que la densité de la population, le développement des centres urbains, le niveau de culture et d'existence de ses habitants rendent plus sensible ou plus vulnérable.



De ce que je viens d'exposer je tirerai deux conclusions: tout d'abord, l'Occident ne se lancera pas de propos délibéré dans une guerre contre la Russie, en second lieu, l'Occident doit déployer le maximum d'efforts pour éviter que la Russie ne se lance dans une guerre contre lui.

Malheureusement, l'imagination des hommes est assez limitée sur ce point, et l'expérience millénaire de l'histoire de l'humanité n'a enseigné qu'une seule solution, d'ailleurs incertaine, qui est la préparation de la résistance. En fait, une force qui se développe ne s'arrête ou ne se limite qu'en présence d'une autre force qui lui est opposée. (J'emploie l'expression *force*, dans le sens le plus vaste qu'on puisse lui attribuer, des moyens purement militaires à l'organisation économique et jusqu'à l'influence d'une idéologie ou d'une foi).

Quand on aura remédié, dans la mesure où c'est encore possible, aux pires conséquences des erreurs antérieures en ce qui concerne l'Allemagne et l'Italie, l'Europe de l'Occident, appuyée sur l'aide effective de l'Amérique, disposera-t-elle d'éléments matériels et moraux suffisants pour organiser la résistance? J'ai déjà répondu ailleurs affirmativement à cette question et je n'y reviendrai pas. Le problème qui m'intéresse actuellement est de savoir sur quelles bases et sous quelle orientation peut être organisée la résistance, ou en d'autres termes, de savoir si la reconstruction économique et l'adoption d'une ligne générale quant au problème

en cause exigent la constitution préalable d'un «super-Etat» ou d'une souveraineté de type fédéral, par exemple.

L'organisation intégrale du monde intéressé au maintien des bases de la civilisation occidentale ne peut se faire, cela est évident, sur le plan supranational, mais seulement sur le plan de l'entente et de l'harmonie entre les souverainetés nationales. Et la partie européenne de cet ensemble, moins encore que les autres, ne pourra continuer à ignorer les réalités existantes et à s'embarrasser dans des créations politiques qui, sur le plan théorique, peuvent paraître plus cohérentes, mais qui ne tarderaient pas à révéler dans la pratique la fragilité ou l'artifice de leur construction. L'idée d'une Europe fédérale me paraît située hors de toute possibilité de réalisation, pour bien des motifs, mais ce qu'il importe de souligner pour l'instant, c'est que l'on commencerait par enlever ainsi aux Etats européens une des principales raisons pour lesquelles ils se sont tant sacrifiés au cours de guerres innombrables : la garantie, pour les différents peuples, de disposer d'eux-mêmes.

Je crois que c'est une erreur de penser que la phase d'internationalisme fébrile que nous traversons est essentiellement contraire à l'existence de nations souveraines. La leçon des deux dernières guerres ne doit pas être interprétée dans le sens de l'extinction des nationalismes, mais au contraire de leur exaspération, avec cette particularité qu'ils prétendent maintenant dispo-



ser d'une garantie internationale. Il est certain que, comme toute vie qui est faite de relations, la vie internationale comporte des limites, sur le même plan, évidemment, sur lequel cette vie s'organise. Mais à part cela il me semble que l'on n'a abouti qu'à la confusion et au discrédit avec cette tendance à vouloir limiter au moyen d'organismes internationaux l'indépendance ou la liberté interne des Etats dans des domaines qui n'intéressent en rien la vie internationale.

Si par conséquent la résistance de l'Occident doit utiliser prudemment, et à la lumière d'un réalisme constructif, la base nationale, c'est-à-dire l'existence de nations indépendantes, il nous faut être cohérents avec ce principe et éviter des erreurs préjudiciables à l'objectif que nous prétendons atteindre. Quant à nous, nous sommes tout simplement logiques en affirmant que les interventions, directes ou indirectes, dans les affaires intérieures de chaque Etat ne servent pas la défense de l'Occident.

Nous sommes tout simplement logiques en défendant la réhabilitation de l'Italie et en votant pour l'admission de l'Allemagne à l'œuvre de reconstitution européenne, en même temps que nous proposons que soit étudiée la manière d'obtenir la coopération de l'Espagne à cette même œuvre, d'autant plus que l'Espagne représente une grande valeur économique, et que la Péninsule, dans la défense de l'Occident, constitue un tout que personne ne saurait méconnaître. Nous sommes tout simplement

logiques quand nous pensons que l'on ne peut que porter préjudice à l'entente des peuples européens par la prétention d'établir cette entente sur des bases empruntées à des programmes partisans, dans un rêve ingénu de «standardisation» politique dont les méfaits ne seraient pas diminués par l'excellence des intentions.

En continuant à travailler dans cette direction, il me semble que l'on nuira gravement à l'union de l'Occident sur l'unique base et en vue de l'unique objectif qui importent véritablement: la reconnaissance d'une identité d'origine et la défense intransigeante de certains principes basiques de la civilisation. Or il est possible de trouver dans la compréhension, qui heureusement existe, de cette nécessité commune, un point d'appui assez solide pour l'entente indispensable.

Ce mouvement sera-t-il cependant suffisant pour, tout en évitant la guerre, remettre la Russie sur la voie d'une politique meilleure au point de vue de ses propres intérêts et des intérêts du monde? Je dois dire que je ne le crois pas.

Le monde est profondément miné par des forces subversives. Il importe peu d'évaluer leur degré d'affinité, plus ou moins grande, avec la doctrine communiste; la Russie elle-même ne mesure pas toujours à cette affinité la protection qu'elle leur accorde. Nous savons cependant qu'elle utilise les haines, les ferments d'indiscipline et de rébellion contre les sociétés organisées sur des bases différentes des siennes et qu'en dehors de



ses frontières elle fait tout pour diviser et affaiblir les nations. L'aide matérielle, la préparation des chefs séditieux, l'intoxication doctrinaire au moyen des mille procédés de la propagande moderne, tendent à créer dans chaque pays, en même temps qu'un facteur de désagrégation nationale, des points d'appui servant à la politique extérieure des soviets. En d'autres termes, ce front supposé que l'Occident tend à organiser, est contrebattu, miné, menacé sur ses arrières par un potentiel ennemi.

Pour la compréhension du problème, il ne vaut pas la peine de discuter pour savoir jusqu'à quel point le communisme peut légitimement se présenter comme le produit d'injustices sociales auxquelles il importe de remédier. Ici ce qui nous intéresse c'est ce qui aujourd'hui est par dessus tout un *problème politique*. La comparaison des éruptions communistes dans les périodes qui ont succédé aux deux guerres prouvent que le communisme en dehors de la Russie a été, dans la première de ces périodes, un fait sporadique, étouffé par les réactions de vitalité nationale qui, malgré tout, se sont encore manifestées. Mais à la suite de la deuxième conflagration, je ne dis même plus qu'il ait été l'objet de tolérance: il a obtenu véritable droit de cité. C'est ainsi que récemment encore, dans de nombreux pays, une puissance étrangère pouvait, à peu de frais, disposer d'une force disciplinée et d'une arme dont elle dirigeait à son gré l'application. Toutes ces situations, si anormales qu'elles soient, et si contraires à la raison et à l'honneur national, sont

largement défendues et justifiées par la perversion de l'intelligence contemporaine. Peu de périodes au cours des siècles nous auront donné le spectacle d'une perturbation mentale aussi profonde que celle à laquelle nous assistons. Non pas dans des questions secondaires, mais dans tout ce qui est essentiel à la compréhension de la vie humaine, le sens commun a cessé d'exister parmi les peuples. Par un goût morbide de l'inédit, de la nouveauté, de l'opposition, et non par le sens et l'amour de la vérité, beaucoup d'intelligences s'emploient aujourd'hui à parer de tous les ornements de la science les points de départ et les conclusions du communisme. Pour chaque écart de la raison, pour chaque erreur, pour chaque vie ou pour chaque crime, l'intelligence formule de nos jours, non pas une excuse, mais une philosophie. Je ne m'en étonne pas: ce n'est pas la première fois dans l'histoire du monde que l'«intelligence» trahit l'«esprit». Pour les mêmes motifs, la politique peut trahir l'intérêt de la Nation.

Or ce n'est que lorsque ces forces ou organisations auront été réduites à l'impuissance que les positions seront suffisamment éclaircies pour que la Russie prenne une décision. Jusqu'à ce moment-là, le réalisme et la souplesse dont elle a fait preuve dans la conduite de la politique mondiale lui conseilleront de ne pas le faire.





A un autre auditoire que celui-ci, je terminerai en demandant pardon pour la rude franchise que j'ai apportée à la justification de mes vœux. Devant des hommes formés dans la conscience du devoir, qui se sont consacrés corps et âmes aux missions les plus nobles et aux plus sublimes sacrifices, il me semble que ce serait ne pas confier entièrement dans la valeur de leur courage que d'employer un autre langage. Nous ne pouvons savoir ce que l'avenir exigera de nous, et il ne vaut pas la peine de nous torturer pour tenter d'en découvrir toutes les inconnues. Parce qu'une seule chose importe véritablement c'est de savoir qu'à tout moment nous nous trouverons tous au service de la Nation et des principes qui au cours de huit siècles ont cimenté son histoire.







EDITIONS

**S N I**

LISBONNE



EL PENSAMIENTO DE SALAZAR

EL  
OCCIDENTE  
FRENTE A  
R U S I A

*DISCURSO DEL EX.<sup>mo</sup> SR. PRESIDENTE DEL  
CONSEJO, A LOS REPRESENTANTES DE LAS  
FUERZAS ARMADAS, AGRADECIENDO LAS  
FELICITACIONES QUE LE PRESENTARON  
CON MOTIVO DEL 20.<sup>o</sup> ANNIVERSARIO DE SU  
SUBIDA AL PODER. PRONUNCIADO EN LA  
PRESIDENCIA DEL CONSEJO, EL 23 DE  
ABRIL DE 1948*

EDICIONES S. N. I. • LISBOA 1948





EL OCCIDENTE  
FRENTE A  
R U S I A





EL PENSAMIENTO DE SALAZAR

---

# EL OCCIDENTE FRENTE A RUSIA

*DISCURSO DEL EX.<sup>mo</sup> SR. PRESIDENTE DEL  
CONSEJO, A LOS REPRESENTANTES DE LAS  
FUERZAS ARMADAS, AGRADECIENDO LAS  
FELICITACIONES QUE LE PRESENTARON  
CON MOTIVO DEL 20.º ANNIVERSARIO DE SU  
SUBIDA AL PODER. PRONUNCIADO EN LA  
PRESIDENCIA DEL CONSEJO, EL 28 DE  
ABRIL DE 1948*

EDICIONES

**S N I**

LISBOA

---

mil novecientos cuarenta y ocho



Rua do Salitre, 151-155  
Telef. 53173  
L I S B O A



SEÑORES GENERALES DEL EJÉRCITO Y LA ARMADA:

SEÑORES OFICIALES:

Agradezco con profundo reconocimiento vuestra tan sincera y espontánea manifestación y las palabras de cariño que me han sido dirigidas. Por más afectuosas y esencialmente personales que tenga que considerar vuestras felicitaciones, no puedo separarlas enteramente de los veinte años seguidos que llevo ininterrumpidamente en mi cargo público, y que ayer se cumplieron. Se debe esta larga y, a mi parecer, exagerada permanencia, a tres hechos: en primer lugar a la confianza del Jefe del Estado, a quien todos nos enorgullecemos de considerar el legítimo representante y dirigente supremo de un pensamiento de renovación nacional; hoy mismo tuvo la suprema gentileza de decirme contásemos con que él estaría aquí, en espíritu, junto a sus camaradas; después a la amabilidad de los Jefes del Gobierno que me precedieron en los primeros años y que debo recordar aquí con una palabra de afectuosa memoria; y por fin a la dedicación y competencia de mis colaboradores, al claro favor de la nación, al apoyo de sus fuerzas más representativas y, entre todas — ¿por qué no abrir cla-

ramente esta excepción? — a vuestra simpatía y cariño. Es mi deber agradecer a todos efusivamente en este momento y formular los más expresivos y sinceros votos por la prosperidad de las fuerzas armadas portuguesas.

A estos votos me reduciría si, al formularlos, no me asaltase la duda de no ser completamente sincero. Al menos, traduciré más fielmente la complejidad de mis sentimientos si añado que también hago votos para que las fuerzas armadas estén en todo momento dispuestas, y cada vez más firmes, al servicio de la nación, del orden y de nuestra civilización cristiana. Pero esto me obliga a añadir algunas consideraciones que, por nada aportar de nuevo al debate trabado en el mundo, serán muy breves.



Acabada la guerra, una grande y poderosa nación continuó aumentando y consolidando su fuerza y afirmó con su presencia o con la amenaza de esta fuerza, un pensamiento que podía hasta cierto punto ser considerado de prevención y refuerzo de su seguridad, pero que, más allá de él, sólo puede concebirse como tendencia imperialista y de clara hegemonía. Me refiero a Rusia. Aunque la provocación a Finlandia y la declaración de guerra a Bulgaria, entre otros actos, hubiesen demostrado, al márgem de la agresión alemana, el propósito



de ir resolviendo ciertos problemas a través del estado de guerra y en un ambiente de victoria, por más injusta o artificiosa que fuese, las otras potencias aliadas se sorprendieron con el desarrollo de los acontecimientos. Las últimas parece ser que descansaron con la victoria, como si victoria significara paz. La primera continuó desarrollando su fuerza y utilizando sus posiciones, como si la guerra aún tuviese que continuar.

De este desequilibrio material y de esta disparidad de conceptos, nace la gran preocupación en que hoy vive Occidente. El caso no tiene otra explicación que la siguiente: las potencias occidentales consideraron alcanzado su fin de guerra con el aplastamiento de Alemania. Rusia no, puesto que, además de reforzar su defensa y de aumentar su poderío, alimenta, en la hipótesis de su posible realización, el sueño de la revolución mundial, de la que es el máximo exponente y más sólido apoyo. Tal es la situación.

Las actitudes que de un modo general el mundo, pero muy especialmente Occidente, pueden preverse en un futuro próximo en relación a Rusia, son: la guerra; el aislamiento; la colaboración pacífica en la sociedad internacional. Las enumeré por el orden decreciente de su importancia, para concluir en la única deseable.

No puede ofrecer dudas a nadie que la colaboración rusa en el plano mundial, sería grandemente ventajosa. Sea cual fuere la divergencia de principios fundamentales que de ella nos separen y el juicio que hagamos de

sus estilos políticos, Rusia posee inmensas riquezas naturales, el valor del trabajo de sus numerosos habitantes, su técnica, su ciencia y su arte. El mundo sólo podría ganar con la colaboración que pudiese dar a la solución de problemas generales: con una condición evidente: que Moscú dejase de representar el papel de enemigo de todo orden constituido y de fomentador de revoluciones.

El aislamiento privaría al mundo de las ventajas que la colaboración rusa podría darle sin libertarlo completamente de los males de su invisible presencia. Sucede que Rusia es, por la extensión y continuidad territorial, por el peso de su masa demográfica, por la variedad de sus riquezas, por la pequeña densidad y modesto nivel de vida de su población, tal vez el único país que puede cerrarse sobre sí mismo y prescindir casi completamente de intercambio con otras naciones. Esta orientación, no obstante se puedan añadir ejemplos con otros aspectos de la historia rusa, no creo que pueda ser preferida por los actuales dirigentes de su política. La gran y, ay, insoluble dificultad, estaría en conciliar un aislamiento que fuese instrumento de defensa e impermeabilidad a las ideas e instituciones de Occidente con una acción de presencia internacional suficientemente resaltada, para defender intereses o alcanzar el objetivo de libre acceso a los grandes mares que Rusia pretende hace siglos. En todo caso parece difícil que esa política de aislamiento, al ser adoptada como disyuntiva forzosa, no se extienda



también, aunque con ciertas atenuaciones, a los países que se adhirieron a su sistema.

Evidentemente la peor hipótesis sería la guerra. La facilidad con que la vemos presentarse y la creación de un estado emocional que, conduciendo a ella puede quitar de manos de los responsables la dirección de los acontecimientos, a mí, personalmente, me deja aterrado. Los conflictos entre pequeñas naciones vecinas son hoy como vulgares incidentes callejeros en los barrios bajos. Una conflagración de las grandes potencias incluidas en el caso de que tratamos, es el mundo en guerra (no sabemos con qué pequeñas «islas» más o menos indemnes) y significaría la movilización integral de sus recursos. No hablo de los infinitos sufrimientos humanos provocados por ese conflicto y que él mismo representa. Me refiero a las condiciones económicas y sociales resultantes del desvío en tan amplia escala de las fuentes de producción para fines de guerra y de las destrucciones que se llevarían a cabo. Como Europa, si tuviese que ser teatro o víctima de esa guerra, no podría alimentar a la población superviviente, habría que prever una catástrofe demográfica sin paralelo en la historia. En tales circunstancias, todo lo que el hombre occidental a fuerza de trabajo e ingenio pueda haber creado para confort, alegría, elevación espiritual de la vida, la cultura, el arte, e incluso la sociabilidad, sería imposible que coexistiere con la miseria general y la subversión de las instituciones políticas y sociales. Creo

que el Occidente europeo se sumergiría entonces en decadencia, en su larga, trágica y, desgraciadamente, definitiva noche.

No importa echar cuentas de las probabilidades de vencer, pues juzgo las consecuencias de esa catástrofe casi independientes del signo de victoria. Diré tan sólo que la guerra me parece ser para Rusia menos trágica que para Occidente, cuya densidad de población, desenvolvimiento de centros urbanos, nivel de cultura y de vida, lo hace más sensible o vulnerable.

De lo expuesto saco dos consecuencias: primera, el Occidente no se lanzará por deliberado intento a una guerra contra Rusia: segundo, el Occidente tiene que emplear los máximos esfuerzos para evitar que Rusia se lance en guerra contra él.

Desgraciadamente la imaginación de los hombres es bastante limitada en este punto y la experiencia de milenios de historia humana sólo ha enseñado un camino, además factible, que es la preparación de la resistencia. En verdad, una fuerza que se extiende, no frena ni se limita sino a la vista de otra que se opone. (Empleo la expresión *fuerza* en el más neto sentido que pueda dársele, desde los medios bélicos hasta la organización económica e incluso hasta a la influencia de una ideología o una fé).

¿La Europa del Occidente, corregidas en la medida de lo posible las peores consecuencias de yerros anteriores en lo que se refiere a Alemania y a Italia,



y apoyada en la ayuda efectiva de América, dispondrá de elementos materiales y morales suficientes para la resistencia? Ya respondí en otro momento afirmativamente a esta pregunta y no volveré sobre ella. El aspecto que ahora me interesa es saber en qué bases y bajo qué orientación se puede organizar la resistencia o, en otras palabras, saber si la reconstrucción económica y la adopción de una línea general en cuanto al problema en litigio exigen por ejemplo la constitución previa de un super-Estado o de una soberanía de tipo federal.

La organización del mundo interesado en mantener las bases de la civilización occidental, no puede hacerse integralmente, como es comprensible en el plano supranacional, pero sí en el entendimiento y concierto de soberanías nacionales. Y la parte europea de ese conjunto, menos posibilidades que las restantes tendrá aún que ignorar las realidades existentes, embarazándose en creaciones políticas que, pudiendo creerse en el campo teórico más conexas, enseguida revelarían la fragilidad o artificio de su construcción. La idea de una Europa federal me parece fuera de las posibilidades de realización por muchas razones: pero, por ahora, lo que interesa resaltar es que se comenzaría por quitar a los Estados europeos una de las principales razones por la que a través de los tiempos tanto se ha sacrificado en guerras: la garantía de que los distintos pueblos dispongan de sí mismos.

Creo es un error pensar que la fase de febril

internacionalismo que vivimos es esencialmente contraria a la existencia de naciones soberanas. La lección que nos dan las dos últimas guerras no radica en el sentido de desaparecer los nacionalismos, sino de su exacerbación, con el detalle de que pretenden ahora disponer de una garantía internacional. Es cierto que, como toda vida de relación, la vida internacional admite limitaciones, evidentemente en el mismo plano en que esa vida se organiza. Fuera de eso sólo me parece que se ha logrado confusión y descrédito, con tendencia a limitar a través de organismos internacionales la independencia o libertad interna de los Estados en lo que no interesa a la vida internacional.

Así, pues, si la resistencia de Occidente tiene que aprovechar prudentemente la base nacional a la luz de un realismo constructivo, o sea, la existencia de naciones independientes, es necesario ser coherente con este principio y evitar errores perjudiciales a ese mismo fin que se pretende. En cuanto a nosotros somos tan sólo lógicos afirmando que no sirven a la defensa de Occidente las intervenciones, directas o indirectas, en los negocios internos de cada Estado.

Somos tan sólo lógicos defendiendo la rehabilitación de Italia y votando por la admisión de Alemania en la obra de reconstrucción europea, al mismo tiempo que proponemos se estudie la forma de conseguir la cooperación de España en aquella obra, tanto más cuando que España representa un gran valor económico y la pe-



nínsula es en la defensa de occidente un todo que no puede ser desconocido por nadie. Somos únicamente lógicos entendiendo que sólo se perjudica el concierto de los pueblos europeos con la pretensión de establecerlo en bases pedidas de prestado a programas partidarios, en un sueño ingenuo de estandarización política cuyos daños no disminuirían la bondad de las intenciones.

Trabajando en tales direcciones, creo que al final se perjudicará gravemente la unión de Occidente en la única base y para el fin que verdaderamente importan: el reconocimiento de la identidad de origen y la intransigente defensa de ciertos principios básicos de civilización. Ahora bien, en la comprensión que felizmente existe de esa necesidad común es posible encontrar suficiente punto de apoyo para el preciso entendimiento.

¿Este movimiento será pues, suficiente para, evitando la guerra, encaminar a Rusia a una mejor política, desde el punto de vista de sus propios intereses y de sus intereses mundiales? Debo decir que no lo creo.

El mundo está ampliamente minado por fuerzas subversivas. No importa valorar su mayor o menor grado de semejanza con la doctrina comunista. Tampoco Rusia mide en todos los casos por esa semejanza, la protección que les presta. No obstante sabemos que utiliza todos los fermentos de indisciplina y rebelión contra las sociedades organizadas sobre bases diversas de las suyas, y fuera de sus fronteras hace todo lo posible para dividir o debilitar las naciones. El apoyo material, la

preparación de jefes de sediciones, el envenenamiento doctrinal a través de los mil medios de la propaganda moderna, tienden a crear en cada país, al mismo tiempo que un factor de disgregación nacional, puntos de apoyo a la política exterior de los bolcheviques. Es decir: ese supuesto frente que el Occidente intenta organizar es contraatacado, minado, puesto en peligro en la retaguardia por material enemigo.

Para comprender la cuestión, poco sirve discutir hasta dónde el comunismo puede legítimamente presentarse como producto de injusticias sociales remediabiles. Nos interesa lo que es hoy por encima de todo: un *problema político*. La comparación de los estallidos comunistas en los períodos que siguen a las dos guerras, demuestra que el comunismo fuera de Rusia fué, en la primera, un hecho esporádico, ahogado por las reacciones de vitalidad nacional que, a pesar de todos los pesares, se rebelaron. Pero, después de la última conflagración, ha gozado, no digo ya de tolerancia, sino de derecho de ciudadanía. De este modo, en muchos países hasta hace poco, mediante un pequeño dispendio, una potencia extranjera podía disponer de una fuerza disciplinada y de un arma cuya aplicación dirigía. No obstante, todas estas situaciones, por más anómales y contrarias a la razón y a la honra nacional que fuesen, las ha defendido y justificado ampliamente la perversión de la inteligencia contemporánea. Pocos momentos hubo a través de los siglos de mayor perturbación mental de los que vive



nuestro tiempo. No ya en cuestiones secundarias, sino en todo lo que es esencial a la comprensión de la vida humana, dejó de haber entre los pueblos, entendimiento común. Por un gusto enfermizo hacia lo inédito, la novedad, la oposición y no por el sentido y amor a la verdad, muchas inteligencias se emplean en iluminar con las ostentaciones de la ciencia, los puntos de partida y las conclusiones del comunismo. Para toda desviación de la razón, para todo error, para todo vicio o crimen, la inteligencia formula hoy no una disculpa, sino una filosofía. No me sorprende: no es la primera vez en la historia del mundo que la «inteligencia» traiciona al «espíritu». Por los mismos motivos la política puede traicionar el interés de la nación.

Ahora bien, solo reduciendo a la impotencia estas fuerzas u organizaciones, se esclarecerán las posiciones de todos lo suficiente para que a Rusia tome la decisión. Hasta ese momento, el realismo y la ductibilidad de que ha dado pruebas en la conducción de la política mundial, le aconsejarán a que no lo haga.



A un auditorio que no fuese este, yo terminaría pidiendo perdón por la crudeza con que justifiqué mis votos. Delante de hombres formados en la consciencia del deber, consagrados en cuerpo y alma a las misiones más nobles y a los más elevados sacrificios, incluso me

parece que sería no confiar por entero en el valor de su ánimo emplear un lenguaje distinto. No se puede saber lo que de nosotros exigirá el futuro, ni merece la pena consumirmos en desentrañar todas sus incógnitas. Porque una cosa tan sólo importa verdaderamente: saber que en cada momento nos encontraremos todos al servicio de la nación y de los principios que cimentaron su historia en ocho siglos.





EDICIONES

**S N I**

LISBOA



SALAZAR SAYS

**THE WEST**  
**FACES**  
**RUSSIA**

*THE PRIME MINISTER'S SPEECH TO OFFI-  
CERS OF THE ARMY AND NAVY ON THE  
OCCASION OF THEIR PRESENTING COMPLI-  
MENTS TO HIM ON APRIL, 28th, 1948*

EDITIONS OF THE S. N. I. • LISBON 1948





THE WEST  
FACES  
RUSSIA





S A L A Z A R S A Y S

---

THE WEST  
FACES RUSSIA

*THE PRIME MINISTER'S SPEECH TO OFFI-  
CERS OF THE ARMY AND NAVY ON THE  
OCCASION OF THEIR PRESENTING COMPLI-  
MENTS TO HIM ON APRIL 28th 1948*

BOOKS

**SNI**

LISBON

1 9 4 8





SENHORES MAJORES-GERAIS DO EXÉRCITO E DA ARMADA,  
SENHORES OFICIAIS,

It is with deep gratitude that I acknowledge this sincere and spontaneous manifestation on your part and the kind words you have addressed to me. Warm and essentially personal as the compliments you have paid me are, I cannot entirely disassociate them from the period of twenty years which I have spend in the conduct of public affairs, a term which was concluded yesterday. This long tenure of office (and in my own view it is excessively long) is due to three facts. The first is the confidence of the Head of the State, whom we are all proud to recognise as the authentic representative and supreme guarantor of the ideas of our national regeneration: today he had the particular kindness to say to me that we could count on his presence with us in the spirit today, side by side with his brother officers. The second is the kindness extended to me by those Prime Ministers who were my predecessors in the early years, and whom I should like to recall here with a word of kindly remembrance. The third is the devoted service and competence of my collaborators, the unmistakeable favour of the nation,

and the support of its most representative forces; and, among all these, — and why should I not make this exception — your own kindness and goodwill. It is my duty then to thank you all most warmly and to express my most sincere wishes for the prosperity of the Portuguese armed forces.

I should limit myself to this, if it were not for the fact that in expressing these wishes I am conscious of a doubt that I am not being completely sincere. At any rate, I shall more exactly translate my feelings if I add my sincere wishes that the armed forces may ever be ready and resolved to serve the Nation, and the Christian order of our civilisation. This compels me to add certain considerations. These bring little that is new to the debate that is waging in the world today and consequently they will be very brief.



At the end of the war, a great and powerful nation continued to increase and consolidate its strength, affirming, by the presence or by the threat of this strength, an attitude of mind which up to a point could be regarded as a matter of precaution and security, but which beyond that point could only be interpreted as a tendency to imperialism and definite hegemony. I refer to Russia. The provocation to Finland, and the declaration of war on Bulgaria among other



acts had denoted, quite independently of the German attack on Russia, the resolve to use the existing state of war and the ensuing spirit of victory to settle certain problems, no matter how unjust and artificial that settlement might be. In spite of this the other allied powers were surprised by the march of events: after their victory they relaxed as though victory signified peace. Russia continued to develop her strength and to utilize her positions as though the war were to go on.

This disparity in material forces, together with a disagreement on principles, gives rise to the great anxiety which at present assails the West. This state of affairs can only be explained by the fact that the western powers considered their war aims fulfilled once Germany had been crushed. Russia not so; she, in addition to seeing her defences strengthened and her might increased, dreamt of the possibilities of world revolution, for of this she is the chief exponent and principal supporter. Such is the present situation.

The attitudes which, generally speaking, the world, and specially the West, can anticipate with regard to Russia are: war, isolation and peaceful collaboration. I have listed them in a descending scale of gravity and have ended with the one desirable conclusion.

No one can doubt that Russian collaboration in world affairs would be most advantageous. Whatever the divergence of fundamental principles between us, and

whatever we may think of her political methods, we cannot ignore Russia's immense natural resources, her vast supply of labour, and the skill of her technicians, scientists and artists. The world could only gain by any cooperation she might lend in solving our general problems; but this clearly only on the condition that Moscow gives up her rôle of enemy of all properly constituted order and fomentor of revolutions.

Russian isolation would deprive the world of the advantages possibly accruing from her collaboration, without entirely freeing the world from the anxieties engendered by her invisible presence. The vast extent of her territory, the number of her inhabitants, the rich variety of her resources, and the scattered distribution of her population together with their low standard of living, make her perhaps the one country able to withdraw within herself and cut herself off from intercourse with other nations. I do not anticipate that this line will be followed by Russia's present leaders, though one could trace precedents for it at other stages in her history. The great — perhaps the insoluble — difficulty would be in squaring a policy of isolation, adopted as an instrument of defence and impermeability to Western ideas and institutions, with a policy of international action in defence of self interest, or aiming at free access to the seas, for centuries a Russian design. It seems unlikely that were this policy adopted it would not also extend — though in a different degree — to those countries which



adhere to the Russian system. The worst possibility would clearly be that of war. I must admit that I shudder at the ease with which we see it anticipated, and at the creation of an emotional state conducive to it which may result in the direction of affairs being snatched out of responsible hands. Conflicts between small neighbouring states are today like everyday street disturbances in remote parts of the town. A general flare up between the great powers would mean the world at war. Nor can one say what «islands» or isolated groups would remain immune. In any case it would mean the total mobilisation of the world's resources. I say nothing of the immeasurable human suffering caused by such a calamity. I refer to the social and economic conditions arising from such a vast dislocation of the means of production to the ends of war. Europe, unable to feed her surviving population, would suffer a population crisis without precedent in her history. And in such circumstances all that men in the West had created by hard work and ingenuity; comfort, happiness, the spiritual values of life, culture, art, human society itself, would be incompatible with the general misery and the overthrow of political and social institutions.

I imagine that Western Europe would be plunged into decadence, into a long and possibly eternal night.

It is not worth while estimating what the probabilities of victory would be, for I consider that the consequences of such a catastrophe would be almost indepen-

dent of the mere fact of victory. I will only say that a war appears to me less tragic for Russia than for the West, whose dense population, highly developed urban centres, cultural level and standard of living make it the more vulnerable.

From this analysis I deduce two things: first, that the West will not of her own deliberate resolve launch a war against Russia; second, that the West must do all in her power to avoid Russia's launching a war against her.

In this matter, alas, man's imagination is still limited. A thousand years of human history have taught us only one way (and that no infallible one): that of preparing resistance. Indeed, an expanding force will neither stop nor impose limits on itself save when faced by another force in opposition to it, (I use the word *force* in the widest sense attributable to it, ranging from the force of war to that of economic organisation and the force of ideas and faith).

The question is whether Western Europe — the worst consequences of earlier mistakes in Germany and Italy having been remedied as far as possible, and with the support of American aid — will have physical and moral strength enough to resist? I have already on another occasion replied in the affirmative to this question and I will not return to it. The point which interests me here is to know on what basis and on what lines this resistance may be organised. In other words,



will economic reconstruction, or a general line of action in this problem, require the constitution of a super-state or some form of federal union for example. It is clear that the organisation of the world interested in maintaining the foundations of Western civilisation cannot be totally carried out on a super-national plane, but only on the basis of understanding and harmony between national sovereignties. The European part of such a framework will be less able than others to ignore existing realities. Nor should it confuse itself with political creations which though theoretically more cohesive will soon reveal the weaknesses of their artificial construction. The idea of a European federation seems scarcely feasible for various reasons. The one I wish to stress here is that it would begin by taking away from European States one of the principal reasons for which in the course of history so much has been sacrificed in so many wars; namely, the guarantee that the different countries may dispose of their own destinies.

In believe it to be a mistake to regard the present phase of feverish internationalism as something essentially contrary to the existence of national sovereignty. The lesson of the last two wars is that nationalisms far from being extinguished have been exacerbated, with the additional note that they now wish to be assured of an international guarantee. It is certain that international life, like all life

depending on relationships, has to recognise limitations according to the scale on which it is organised. Apart from this, it appears to me that nothing but confusion and discredit has ensued from the tendency to limit through international organisations the independence and internal liberty of states in matters not concerning international life.

If then the resistance of the West has to make prudent and realistic use of this national basis of life, or in other words the existence of independent nations, we must be consistent with this principle and avoid mistakes which can only prejudice the cause we try to serve. For our part, we are only logical therefore when we affirm that the defence of the West will not be served by intervention, direct or indirect, in the internal affairs of each state. Only logical are we, too, when we defend the rehabilitation of Italy and support the admission of Germany to the task of European reconstruction. The same is true when we propose that some means should be sought to secure the cooperation of Spain in that task, the more so as Spain represents a great economic force, and as the Peninsula represents a unit in the defence of the West which no one can ignore. We are only logical, too, when we maintain that the concert of European peoples will only be prejudiced by the claim to establish it on foundations borrowed from party programmes in an ingenuous dream of political standardisation, the ill effects of which will



be no less far reaching because of the good intentions inspiring them.

To work in such a direction would, in my view, gravely damage western union by striking at the basis and purpose of its existence, namely, the recognition of our common origin and our uncompromising defence of certain basic principles of civilisation. Now, through the very realisation which fortunately exists of this common necessity it should be possible to find adequate support for understandings which may be necessary.

Would this movement, war being avoided, be sufficient to bring Russia back to a better line of policy both from the point of view of her own and her world interests? I have to say that I do not think so.

The world is sorely undermined by subversive forces. It is not worth while estimating to what extent these are associated with the doctrine of communism. Russia herself takes scant regard of this in the degree of protection she metes out to them. What we do know, however, is that she makes the fullest use of all who foment disorder and disturbance in societies organised on bases differing from her own. Outside her frontiers, too, she does all she can to divide and weaken other nations. Material support, the preparation of seditious leaders, the corruption of thought through countless forms of propaganda, all tend to create centres of support for Russian foreign policy as well as acting as

forces of national disintegration. Thus the hypothetical front which the West is trying to organise is attacked, undermined and endangered by potential enemies in the rear.

For the understanding of this question it is hardly worth discussing how far communism may legitimately be represented as the product of social injustices awaiting remedy. Here what concerns us above all is what communism is today, — a political problem. On comparing the manifestations of communism in the periods following the two wars we observe that after the first war its appearance was sporadic and was suppressed by the forces of national vitality, which, in spite of everything, still asserted themselves. But since this last war, communism has enjoyed I will not say mere tolerance but the full right of public appearance. Until recently in many countries, and with small expense to itself, a foreign power has been enabled to command a disciplined force and an arm controlled by her. All these situations, anomalous and contrary to reason and national honour though they be, have found defence and justification through a singular perversity in contemporary thought. There can have been few periods in the course of the centuries of greater intellectual unsettlement than today. Not only in secondary matters, but in all that is most essential to the understanding of human life, there has ceased to be a measure of common agreement among the nations.



Through an unhealthy craving for something new, through sheer opposition, and not through sense or through a love of truth, many have been led to use their intelligence to add an ostentatious veneer of science to what is in fact the point of view of communism. For all departures from reason, for all mistakes, for all vice or crime, modern thought puts forward not an excuse but a philosophy. I am not surprised. It is by no means the first time in the world's history that «intelligence» has betrayed the «spirit» and for the same motives politics may be disloyal to the interests of the Nation.

Now, only when these forces and organisations have been reduced to impotence and the position of everyone has been clarified will Russia take her decision. Until then, the realism and flexibility she has shown in the conduct of world politics, will counsel her not to take it.



To any other audience but this I should end by apologising for the blunt way in which I have justified my wishes. But before men brought up in the school of duty, devoted body and soul to the noblest tasks and the highest sacrifices. I feel I should be wanting in full confidence in their strength and resolution were I to use other language. We cannot tell what the future will

require of us; nor is it worth while tormenting ourselves to tear the veil from its unknowns. For one thing alone really matters: to know that we are ever at the service of the Nation and of those principles which through eight centuries have bound together its history.





BOOKS

**SNI**

LISBON













NB



\*EFG00002514760\*

S.N.